

Primavera na Igreja

Era por volta de 19h, em Roma, quando a fumaça branca saiu da chaminé da Capela Sistina. Ali, o mundo era pego de surpresa pela segunda vez em pouco mais de um mês. O primeiro espanto acontecera quando o então Papa Bento XVI anunciou sua renúncia, no dia 11 de fevereiro, roubando a cena do Carnaval.

A partir de então, especulações a respeito dos motivos e prognósticos sobre o sucessor ideal se multiplicaram. O início da noite daquela quarta-feira causou um misto de surpresa e comoção. Rumores sobre uma suposta disputa de poder na Cúria Romana indicavam que a eleição seria difícil e demorada. Contudo, aquele era apenas o segundo dia do Conclave. Havia sido necessárias apenas cinco votações para eleger o novo Papa.

Pouco mais de uma hora depois, o cardeal proto-diácono, o francês Jean-Louis Tauran, pronunciava a expressão latina *Habemus Papam*, da sacada principal da Basílica de São Paulo. Era apresentado ao mundo o Papa Francisco.

Junto com o anúncio, várias surpresas. O cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, de 76 anos, não figurava na lista dos mais cotados. A “bolsa de apostas” que havia-se criado apontava como favoritos o arcebispo de Milão, cardeal Angelo Scola, e o brasileiro Dom Odilo Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo. No dia seguinte, o próprio Dom Odilo afirmou que as previsões humanas haviam caído por terra. Estava claro que Espírito Santo, embora discreto e se utilizando de meios humanos, agia na Igreja de maneira eficaz.

Primeiro Papa das Américas, primeiro latino-americano, primeiro jesuíta, primeiro não-europeu em 1272 anos (o último havia sido o sírio Gregório III, que governou a Igreja de 731 a 741). Esses fatos já bastariam para marcar este processo sucessório como histórico. Mas o novo Papa surpreenderia novamente ao escolher um nome inédito: Francisco.

Uma dúvida a respeito de como chamar o novo Pontífice foi desfeita pelo próprio Vaticano, poucas horas após o anúncio. O numeral romano I (primeiro) só será acrescentado ao nome do Santo Padre caso, no futuro, outro Papa escolha o mesmo nome. Assim, ele não é Francisco I, como foi noticiado a princípio, mas simplesmente Francisco.

Simplicidade, aliás, foi a tônica dos comentários a respeito da personalidade do novo Papa. Depoimentos de pessoas que o conhecem descreveram uma pessoa extremamente simples, que costumava usar transporte público para se locomover na Capital Argentina, que cozinhava a própria comida, que mantinha uma vida sóbria e sem luxos.

Os cardeais brasileiros que participaram do Conclave testemunharam que, logo após a solenidade de apresentação, o Papa fez questão de voltar ao local onde havia se hospedado antes da eleição para pagar sua hospedagem e pegar suas coisas. Também confidenciaram que, para voltar à Casa Santa Marta, onde houve uma confraternização com os cardeais, foi oferecido ao Santo Padre, como protocolo, o veículo oficial do Papa. Mas Francisco teria recusado e preferido voltar como foi: no ônibus, junto com os outros cardeais. O cardeal arcebispo de Aparecida, Dom Raimundo Damasceno, revelou ainda que durante o jantar, o Papa não quis lugar de honra. Sentou junto com todos, comeu e conversou com a naturalidade que lhe é própria.

Na cerimônia de apresentação, o Santo Padre quebrou o protocolo. Antes de dar a bênção *Urbi et Orbi* (para a cidade de Roma e para o mundo), o Pontífice curvou-se e pediu que a multidão reunida na Praça de São Pedro orasse por ele. “Parece que meus colegas cardeais foram buscar o Papa no fim do mundo”, brincou em suas primeiras palavras.

Na primeira missa, vestiu-se com paramento igual ao dos cardeais. Na solenidade de inauguração do pontificado, ficava visivelmente desconfortável com os cardeais que queriam se ajoelhar diante dele. Tentava evitar. Preferia um abraço. Durante momento de oração diante do Santíssimo Sacramento, no encontro que teve com Bento XVI, também recusou o lugar de honra, dizendo: “não, nós somos irmãos”. Francisco ainda agradeceu ao antecessor pelos atos de humildade do seu pontificado.

Ao abrir mão do seu cargo, Bento XVI enviou ao mundo a mensagem de que o sentido da vida humana não é o poder e sim Jesus Cristo. Agora, os gestos e a espontaneidade de Francisco dão seguimento a essa profecia: como diz São Paulo, esse Cristo, sendo Deus, não se prevaleceu disso, mas se fez igual aos homens, pobres e necessitados. Reconhecido como tal, humilhou-se ainda mais e deu a própria vida por esses homens, aceitando morrer na cruz.

Costuma-se dizer que a primavera traz consigo surpresas de Deus. Providencialmente, o pontificado de Francisco começou justamente no início da primavera no hemisfério norte. Se os primeiros atos indicam como será o pontificado de um Papa, há de se esperar novas surpresas na condução da Barca de Pedro?

Só o tempo dirá.